



OS PADRÕES SUFIXAIS LATINOS [X_{Ni}-ĪTĪA]_{Sj} E [X_{Ni}-ĪTĪĒS]_{Sj} E OS DESENVOLVIMENTOS [X_{Ai}-IÇA]_{Sj}, [X_i-ICE]_{Sj}, [X_i-EZ]_{Sj} E [X_{Ai}-EZA]_{Sj} NO PORTUGUÊS ARCAICO (SÉCULOS XIII-XVI): UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

THE LATIN [X_{Ni}-ĪTĪA]_{Sj} AND [X_{Ni}-ĪTĪĒS]_{Sj} SUFFIX PATTERNS AND THE DEVELOPMENTS [X_{Ai}-IÇA]_{Sj}, [X_i-ICE]_{Sj}, [X_i-EZ]_{Sj}, AND [X_{Ai}-EZA]_{Sj} IN ARCHAIC PORTUGUESE: A CONSTRUCTIONAL APPROACH

Natival Almeida Simões Neto¹

RESUMO

Propõe-se, neste artigo, uma análise histórico-diacrônica que parte dos derivados sufixais latinos X_{Ni}-ĭtia (*avārītīa* ‘avareza’; *justītīa* ‘justiça’; *laetītīa* ‘alegria, tristītīa ‘tristeza’, *nigrītīa* ‘negrume, escuridão’; *pigrītīa* ‘preguiça’) e X_{Ni}-ĭtīēs (*magnītīēs* ‘magnitude, grandeza’; *calvītīēs* ‘calvície’; *tardītīēs* ‘lentidão’; *vanītīēs* ‘ vaidade, frivolidade’), em direção às formas evoluídas X_{Ai}-iça (*justiça*; *lediça*), X_i-ez (*meninez*; *graãndez*; *sandez*), X_i-ice (*ligeirice*; *velhice*; *meninice*; *arteyrice*; *beuedice*) e X_{Ai}-eza (*anchezas*; *avareza*; *blandez*; *braveza*; *chãeza*; *fraqueza*; *gentileza*; *naturaleza*; *simpleza*; *sotileza*; *stranheza*; *tristeza*; *vileza*), no português arcaico. Os dados do latim são oriundos do dicionário latim-francês, de Gaffiot (2016 [1934]), e os do português arcaico advêm dos trabalhos de Soledade (2001, 2005), que investigou a sufixação nominal portuguesa, entre os séculos XIII e XVI. Quanto ao aporte teórico-descritivo, serão usados os postulados da Morfologia Construcional, como feita por Booij (2010, 2017, 2020), Gonçalves e Almeida (2014), Gonçalves (2016b), Simões Neto (2017, 2019), Soledade (2013, 2018, 2019) e Tavares da Silva (2019).

Palavras-chave: Português arcaico; Latim; Morfologia derivacional; Morfologia construcional; Morfologia histórica.

ABSTRACT

We propose, in this article, a diachronic-historical analysis that starts from the Latin suffix derivatives X_{Ni}-ĭtia (*avārītīa* ‘greed’; *justītīa* ‘justice’; *laetītīa* ‘joy, tristītīa ‘sadness’, *nigrītīa* ‘blackness, darkness’; *pigrītīa* ‘laziness’) and X_{Ni}-ĭtīēs (*magnītīēs* ‘magnitude, greatness’; *calvītīēs* ‘baldness’; *tardītīēs* ‘slowness’; *vanītīēs* ‘vanity, frivolity’) and moves on to the evolved forms X_{Ai}-iça (*justiça*; *lediça*), X_i-ez (*meninez*; *graãndez*; *sandez*), X_i-ice (*ligeirice*; *velhice*; *meninice*; *arteyrice*; *beuedice*) and X_{Ai}-eza (*anchezas*; *avareza*; *blandez*; *braveza*; *chãeza*; *fraqueza*; *gentileza*; *naturaleza*; *simpleza*; *sotileza*; *stranheza*; *tristeza*; *vileza*) in Archaic Portuguese. The Latin data comes from Gaffiot’s Latin-French dictionary (2016 [1934]), while those from Archaic Portuguese come from the works of Soledade (2001, 2005), who investigated Portuguese nominal suffixation from between the 13th and 16th centuries. As for the theoretical-descriptive background in this article, we count on the postulates of Construction Morphology, as it has been developed by Booij (2010, 2017, 2020), Gonçalves & Almeida (2014), Gonçalves (2016b), Simões Neto (2017, 2019), Soledade (2013, 2018, 2019), and Tavares da Silva (2019).

Keywords: Archaic Portuguese; Latin; Derivational Morphology; Construction Morphology; Historical Morphology.

¹ Professor substituto na Universidade Estadual de Feira de Santana e na Universidade Federal da Bahia. Realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nativalneto@gmail.com.

Palavras iniciais

Este artigo se orienta teoricamente pela Morfologia Construcional, à maneira trabalhada por Booij (2010, 2017, 2020), Gonçalves e Almeida (2014), Gonçalves (2016b), Simões Neto (2017, 2019), Soledade (2013, 2018, 2019) e Tavares da Silva (2019), e analisa, do ponto de vista histórico, os esquemas construcionais que compatibilizam *inputs* adjetivos, como *justo*, *tolo*, *fraco* e *sensato*, com os sufixos *-iça*, *-ice*, *-eza* e *-ez*, para a formação de substantivos abstratos, como *justiça*, *tolice*, *fraqueza* e *sensatez*. Os derivados instanciados por esses esquemas têm significados relacionados a sentimentos, comportamentos, estados, qualidades e atitudes.

O ponto de partida deste trabalho é a análise de dados do latim clássico, variedade usada pelos escritores canônicos da literatura latina das chamadas Era de Ouro (I a.C. até I d.C.) e da Era de Prata (séculos I e II d.C.). Sobre os dados do latim clássico, foram analisadas palavras derivadas com os sufixos *-iŕia* e *-iŕiēs*, encontradas no dicionário latim-francês, de Gaffiot (2016 [1934]).

Em seguida, saindo do latim e em direção à língua portuguesa, o trabalho envereda pela análise das realizações atestadas no português arcaico (PA), período que, segundo Mattos e Silva (2008), começa no século XII, quando se atesta o primeiro registro escrito em língua portuguesa, e se estende até meados do século XVI, em momento anterior às primeiras reflexões metalinguísticas, que se dão por meio da publicação das primeiras gramáticas e dicionários. No português, aparecem, como desenvolvimentos dos sufixos latinos *-iŕia* e *-iŕiēs*, os sufixos portugueses *-iça*, *-ez*, *-eza*, *-ice*, *-ícia* e *-ície*, quase todos encontráveis desde o período arcaico, como se pode ver nos trabalhos de Juliana Soledade (2001, 2005), que estudou a sufixação nominal na primeira (séculos XIII e XIV)² e na segunda fase (séculos XV e XVI) do PA. Os dados referentes a esse estágio da língua portuguesa são oriundos dos trabalhos dessa autora.

Esclarecidos os objetivos visados por este trabalho, após as considerações iniciais, o artigo apresenta: (i) a primeira seção, com informações sobre a Morfologia Construcional, base teórico-descritiva da pesquisa; (ii) a segunda seção, com uma revisão sobre o que já foi comentado sobre os sufixos latinos *-iŕia* e *-iŕiēs*; (iii) a terceira seção, com os procedimentos metodológicos e a análise construcional dos dados do latim; (iv) a quarta seção, divididas em subseções, mesclando o que já foi dito dos sufixos portugueses *-iça*, *-ez*, *-eza*, *-ice* com a análise deste trabalho; (v) as considerações finais; (vi) as referências.

Breves palavras sobre construções e Morfologia Construcional

A Morfologia Construcional (MC) é um modelo de descrição morfológica que vem sendo proposto por Geert Booij, desde 2005, e que se tornou mais conhecido com a publicação do livro *Construction Morphology* (BOOIJ, 2010). No Brasil, as equipes das universidades

2 A primeira fase do PA abrange o estágio também conhecido como galego-português.

UFRJ e UFBA, lideradas respectivamente pelos professores-pesquisadores Carlos Alexandre Gonçalves e Juliana Soledade, vêm se destacando na divulgação desse modelo, aplicando-o a variados fenômenos da morfologia do português, seja em perspectiva sincrônica, seja em perspectiva diacrônica.

A MC se insere no âmbito das abordagens construcionistas, como a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006). Essa, por sua vez, está inscrita no arquipélago teórico da Linguística Cognitiva (LC). Dada a inserção da MC no paradigma da LC, destaca-se, no enfoque da MC, a exploração dos aspectos semânticos atinentes à formação de palavras, tais como a polissemia, as relações de herança, os *links* metafóricos e metonímicos, entre outros.

A descrição morfológica no paradigma da MC é feita por meio de esquemas, “que representam generalizações sobre conjuntos de palavras existentes, permitindo, por analogia, a criação e a recepção de novos itens lexicais” (SOLEDADE, 2013, p. 84). Um esquema morfológico, na perspectiva construcional, deve delimitar três propriedades fundamentais. A primeira diz respeito à especificação das propriedades formais das palavras complexas motivadas por esses esquemas. A segunda é a especificação obrigatória da categoria lexical dos produtos, enquanto a categoria lexical das bases pode ser descartada, em alguns contextos. Por último, a terceira propriedade é a explicitação do conteúdo semântico de nível básico, que estrutura a rede de esquemas e subesquemas. Veja-se, a seguir, em (1), um esquema de sufixação para as formações *XVi-dor* agentivas do português (*vendedor, varredor, entregador, cobrador, administrador, falador, pegador, bebedor, comedor*):

$$(1) \quad \langle [X_{vi}-dor]_{Sj} \leftrightarrow [AGENTE \text{ envolvido em } SEM_{vi}]_j \rangle$$

No esquema em (1), estão especificadas: (a) a forma fonológica recorrente *-dor*, que deverá aparecer nas palavras instanciadas; (b) as categorias lexicais das bases/*inputs* (verbos) e dos produtos/*outputs* (substantivos); (c) a informação semântica (AGENTE). É essa a maneira de a MC descrever as propriedades dos esquemas: uma formalização de aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos relacionados aos processos genolexicais.

Os sufixos latinos *-it̃ia* e *-it̃ies*: o que já foi dito?

A descrição sistemática dos processos de formação de palavras em língua latina é uma lacuna nos estudos empreendidos por latinistas e romanistas. Algumas poucas obras se dedicaram a esses aspectos, dentre as quais, estão: (a) *Latin suffixes* (1858), de John White; (b) *Gramática do latim vulgar* (1959), de Theodoro Henrique Maurer Jr.; (c) *Introducción al latín vulgar* (1968), de Veikko Väänänen. A primeira obra se baseia em realizações encontradas em textos do latim clássico, ao passo que a segunda e a terceira se voltam ao latim vulgar.

White (1858), em obra fundamental sobre a sufixação na língua latina, explica que os substantivos formados com os sufixos *-it̃ia*, *-ae*, como em *avarit̃ia* ‘avareza’, e *-it̃ies*, *-ēi*, como em *tristit̃ies* ‘tristeza’, costumavam denotar estado ou qualidade relativa ao adjetivo que serve de base para a derivação. No Quadro 1, é feita uma tradução adaptada da sistematização de realizações do latim clássico, feita por White (1858).

Quadro 1: Sufixos *-tīa*, *-ītia* e *-ītīes* no latim clássico

Variante sufixal	Palavra primitiva	Palavra derivada
<i>-ītīa</i> , <i>-ae</i>	<i>āvārus</i> ‘avaro, avarento’	<i>avārītīa</i> ‘avareza’
	<i>cānus</i> ‘branco, grisalho, velho’	<i>cānītīa</i> ‘brancura, canície, velhice’
	<i>justus</i> ‘justo’	<i>justītīa</i> ‘justiça’
	<i>laetus</i> ‘alegre’	<i>laetītīa</i> ‘alegria’
	<i>maestus</i> ‘triste’	<i>maestītīa</i> ‘tristeza’
	<i>mālus</i> ‘mau’	<i>mālītīa</i> ‘maldade, malícia’
	<i>plānus</i> ‘plano’	<i>plānītīa</i> ‘planeza, uniformidade’
	<i>pūdīcus</i> ‘modesto’	<i>pūdīcītīa</i> ‘modéstia’
	<i>mollis</i> ‘leve’	<i>mollītīa</i> ‘leveza’
	<i>tristis</i> ‘triste’	<i>tristītīa</i> ‘tristeza’
	<i>niger</i> ‘negro, escuro’	<i>nigrītīa</i> ‘negrume, escuridão’
	<i>piger</i> ‘lento, preguiçoso’	<i>pigrītīa</i> ‘lentidão, preguiça’
	<i>āmīcus</i> ‘amigo’	<i>āmīcītīa</i> ‘amizade’
	<i>puer</i> ‘menino, criança’	<i>puerītīa</i> ‘infância’
<i>-ītīes</i> , <i>-ei</i>	<i>āvārus</i> ‘avaro, avarento’	<i>avārītīes</i> ‘avareza’
	<i>cānus</i> ‘branco, grisalho, velho’	<i>cānītīes</i> ‘brancura, canície, velhice’
	<i>plānus</i> ‘plano’	<i>plānītīes</i> ‘planeza, uniformidade’
	<i>tristis</i> ‘triste’	<i>tristītīes</i> ‘tristeza’
	<i>piger</i> ‘lento, preguiçoso’	<i>pigrītīes</i> ‘lentidão, preguiça’

Fonte: Elaboração própria, com base em White (1858, p. 107-108).

Observa-se, no Quadro 1, referente a dados do latim clássico, que o sufixo *-ītīa* gozou de maior produtividade, e todas as palavras registradas com *-ītīes* apresentaram formas correspondentes com *-ītīa*. Essas questões podem estar relacionadas ao fato de que *-ītīes* formava substantivos da quinta declinação, uma das menores em quantidade de palavras, ao passo que *-ītīa* formava substantivos da primeira declinação, uma das maiores em número de vocábulos. Em meio a esse contraste, não é de se surpreender que uma declinação maior em número de palavras fosse mais aberta a receber novos itens lexicais que outra, considerada menos produtiva.

No latim vulgar, como explicam Tarallo (1990) e Mattos e Silva (2006), as palavras da quinta declinação, do latim clássico, passaram, na maioria dos casos, a integrar a primeira declinação, como *dies*, *-ei* ‘dia’ > *dia*, *-ae* ‘dia’. Esse processo, já referenciado por muitos autores, ajuda a explicar a prevalência da forma *-itia*³, em detrimento de *-ities*, no latim vulgar, como se pode ver nos trabalhos de Maurer Jr. (1959) e Väänänen (1968).

Maurer Jr. (1959) explica que *-itia* “forma nomes designativos de qualidade, derivados de adjetivos. Apresenta bom número de criações peculiares à língua vulgar, além de outras, comuns ao latim literário” (MAURER JR., 1959, p. 268). O autor sinaliza que esse sufixo teve um desenvolvimento pan-românico, ou seja, distribuiu-se entre todas as línguas românicas, sejam

3 Como se trata de latim vulgar, retirou-se a braquia, diacrítico que indica duração breve nas vogais, do registro escrito, pois, segundo estudiosos, como Tarallo (1990) e Mattos e Silva (2006), no latim de uso corrente, já havia se processado a desfonologização das vogais, o que abarca a não distinção dos sons vocálicos em termos de duração.

ocidentais, sejam orientais. Quanto ao *-ities*, Maurer Jr. (1959) explica que essa forma se documentou no latim de escritores pré e pós-clássicos e se desenvolveu na România, ora como sufixos bastante produtivos, como nos casos de português e de espanhol, ora como fósseis morfológicos.

Väänänen (1968), também se reportando ao latim vulgar, comenta que o sufixo *-itia* se manteve vivo, mas pouco produtivo e dá exemplos, como *amicitia* ‘amizade’, *avaritia* ‘avareza’, *notitia* ‘notícia, notoriedade’, *pigritia* ‘preguiça’ e *tristitia* ‘tristeza’. O autor faz alusão aos desenvolvimentos *-ezza*, *-esse* e *-eza*, respectivamente do italiano, francês e espanhol. Não há, da parte de Väänänen (1968), menção ao sufixo *-ities*.

Comentadas as considerações anteriores sobre o comportamento de *-ĩtia/- ĩtĩēs* no latim clássico, apresenta-se, na próxima seção, a análise construcional dos dados encontrados em um dicionário bilíngue latim-francês.

O funcionamento de *-ĩtia* e *-ĩtĩēs* no latim clássico: uma análise construcional

Constituição de base de dados e procedimentos metodológicos

Os dados do latim, a serem analisados nesta seção, são oriundos do *Dictionnaire Latin-Français*, de Gaffiot (2016). As palavras coletadas passaram por um tratamento similar àqueles que são vistos nos trabalhos de Soledade (2001, 2005, 2013), Viaro (2011, 2013), Viaro, Ferreira e Guimarães Filho (2014), Lopes (2013, 2018) e Simões Neto (2016, 2020c). Esses pesquisadores, por seguirem uma linha de trabalho histórico-diacrônica, se valem de critérios etimológicos e morfológicos, para decidirem se as palavras são analisáveis, avaliando se são casos de derivações com os sufixos investigados ou meras terminações que coincidiram fonicamente com tais formativos.

Na coleta empreendida para este artigo, foram encontradas 43 palavras com o sufixo *-ĩtia* e 34 com *-ĩtĩēs*. Vale ressaltar que os dois sufixos formam substantivos femininos, o que leva à exclusão de palavras, como *cōmĩtia* ‘comício’, de gênero neutro. Palavras neutras, de origem grega, como *phĩdĩtia* (< gr. φειδίτια) ‘refeição pública dos lacedemônios’ e *phĩlĩtia* (< gr. φιλίτια) ‘mesmo que *phĩdĩtia*’ e *pōlĩtia* (< gr. πολιτεία), foram desconsideradas da análise, pois são casos de terminações em que aconteceram coincidências fônicas. Nomes próprios, masculinos ou femininos, como *Androllĩtia*, *Angitia*, *Delgovĩtia*, *Dōmĩtia*, *Tritĩtia*, *Tĩtĩēs* e *Vĩtia*, tendo ou não os sufixos aqui investigados, foram descartados, por não serem objeto de análise desse artigo e demandarem um tratamento diferenciado:

Houve casos de palavras, como *ĩnscĩtia* ‘inabilidade, incapacidade’ (← *ĩnscĩtus*), *pěritĩtia* (← *pěritus*) ‘destreza, habilidade, perícia’, *ĩmpōlĩtia* ‘negligência, descuido’ (← *ĩmpōlitus*) e *ĩmpěritĩtia* ‘desconhecimento, ignorância, inabilidade’ (← *ĩmpěritus*), *ĩnterstĩtĩēs* ‘interstício’ (← *ĩnterstĩtĩum*), que, embora possam ser parafraseadas com a ideia de ‘qualidade relacionada a X’, em que X é o lexema adjetival que serve de *input*, são derivadas com o sufixo *-ĩa*, que aparecia também em construções igualmente deadjetivais e de significado similar. Nesses casos, o segmento *-ĩt-* faz parte das bases, às quais se aplica o sufixo *-ĩa*, sendo, então, casos de coincidências fônicas das terminações, e não derivações em *-ĩtia*.

Quadro de análise dos dados de língua latina

Comentadas as palavras excluídas, apresentam-se, em (2), primeiramente, as palavras derivadas com o sufixo *-ĩtia*:

- (2) *amārus* ‘amargo’ → *āmārītīa* ‘amargor, amargura’;
amīcus ‘amigo’ → *āmīcītīa* ‘amizade’;
avārus ‘avaro, avarento’ → *āvārītīa* ‘avareza’;
blandus ‘brando, terno, carinhoso’ → *blandītīa* ‘brandura, ternura’;
cānus ‘branco, velho, grisalho’ → *cānītīa* ‘brancura, velhice’
dīves ‘rico, opulento’ → *dīvītīa* ‘riqueza, opulência’;
dūrus ‘duro, áspero’ → *dūrītīa* ‘dureza, aspereza’;
ignōtus ‘ignorado, desconhecido’ → *ignōtītīa* ‘ignorância, desconhecimento’;
immundus ‘porco, sujo, imundo, impuro’ → *immundītīa* ‘imundície, impureza’;
impīger ‘diligente, disposto’ → *impīgrītīa*⁴ ‘diligência, atividade, disposição’;
impudīcus ‘impudico, devasso’ → *impudīcītīa* ‘devassidão, impudicícia’
impurus ‘impuro’ → *impūrītīa* ‘impureza’
inimīcus ‘inimigo’ → *inīmīcītīa* ‘inimizade’;
injūstus ‘injusto’ → *injūstītīa* ‘injustiça’;
jūstus ‘justo’ → *jūstītīa* ‘justiça’;
lāetus ‘alegre’ → *lētītīa* ‘alegria, letícia’;
lātus ‘amplo, largo, grande’ → *lātītīa* ‘largura, grandeza’;
lautus ‘brilhante, suntuoso, faustoso’ → *lautītīa* ‘luxo, elegância, suntuosidade’;
lentus ‘macio, flexível, maleável’ → *lentītīa* ‘flexibilidade, fluidez’;
longus ‘comprido, longo, extenso’ → *longītīa* ‘comprimento, longura, longuidão’;
māestus ‘triste’ → *māestītīa* ‘tristeza’;
mālus ‘mau’ → *mālītīa* ‘malícia’;
mīles ‘soldado’ → *mīlītīa* ‘milícia, serviço militar’;
mollis ‘mole, flexível’ → *mollītīa* ‘flexibilidade’;
mundus ‘limpo’ → *mundītīa* ‘limpeza’;
nēquam ‘de má qualidade, perverso, mau’ → *nēquītīa* ‘maldade, perversidade’;
niger ‘negro, escuro’ → *nīgrītīa*⁵ ‘negrura, escuridão’;
nōtus ‘conhecido, notório’ → *nōtītīa* ‘notoriedade’;
pīger ‘preguiçoso’ → *pīgrītīa*⁶ ‘preguiça’;
pinguis ‘gordo, gorduroso, oleoso’ → *pinguītīa* ‘gordura, oleosidade’;
plānus ‘plano’ → *plānītīa* ‘planeza’;
pudīcus ‘pudico’ → *pūdīcītīa* ‘pudor, pudicícia’;
puer ‘menino’ → *pūērītīa* ‘infância’;
pūrus ‘puro’ → *pūrītīa* ‘pureza’;
sāvus ‘furioso, irritado, colérico’ → *sāvītīa* ‘fúria, violência’;
scaber ‘rugoso, áspero’ → *scābrītīa*⁷ ‘aspereza’;
sēgnis ‘lento, indolente’ → *sēgnītīa* ‘lentidão’;
sordēs ‘sujeira’ → *sordītīa* ‘sujidade’;
spurcus ‘sujo, imundo’ → *spurcītīa* ‘sujidade, imundície’;
stultus ‘tolo, parvo, imbecil’ → *stultītīa* ‘estupidez, irracionalidade’;
surdus ‘surdo’ → *surdītīa* ‘surdez’;
trīstis ‘triste’ → *trīstītīa* ‘tristeza’;
vāfer ‘sagaz, astuto, esperto’ → *vāfrītīa*⁸ ‘esperteza, sagacidade, astúcia’.

4 A partir da raiz do genitivo *impīgri*.

5 A partir da raiz do genitivo *nīgri*.

6 A partir da raiz do genitivo *pīgri*.

7 A partir da raiz do genitivo *scabri*.

8 A partir da raiz do genitivo *vāfri*.

As derivações em (2), na maioria dos casos, têm como *inputs* adjetivos, cujos significados são tomados composicionalmente na interpretação das palavras morfológicamente complexas. São três as exceções: *mīles* ‘soldado’ → *mīlītīa* ‘milícia, serviço militar’, *puer* ‘criança’ → *pūērītīa* ‘infância’ e *sordēs* ‘sujeira’ → *sordītīa* ‘sujidade’. Esses três *inputs* são incontestavelmente substantivos e, diferentemente de *amicus*, não são usados como adjetivos ocasionalmente. Também podem ser consideradas exceções as formações a partir da categoria de particípio passado, intimamente relacionada com a classe dos adjetivos. Essa possibilidade é vista em *ignōtītīa* e *nōtītīa*, cujos *inputs* são respectivamente *ignōtus* ‘desconhecido, ignorado’ e *nōtus* ‘notado, conhecido, notório’, particípio passado dos verbos *ignōscēre* ‘desconhecer, ignorar’ e *nōscēre* ‘conhecer’. Mesmo assim, as palavras complexas que deles derivam mantêm um significado relacional que permite vinculá-las a um esquema como em (3):

$$(3) \quad <[[X_{Ni}]-\check{I}\check{T}\check{I}A]_{Sj} \leftrightarrow [QUALIDADE RELACIONADA A SEMX_{Ni}]_j > \text{ (43)}^9$$

O esquema (3) tem como *outputs* substantivos e como *input* uma arquicategoria N (nome), abrangendo tanto adjetivos, que são maioria, como *āvārus*, *cānus*, *jūstus*, *laetus*, *maestus*, *mālus* e *plānus*, quanto substantivos, como em *puer*, *mīles* e *sordēs* e particípios passados, tratados como formas nominais dos verbos (casos de *ignōtus* e *nōtus*).

Do ponto de vista da organização esquemática, o padrão $[X_{Ni}-\check{I}\check{T}\check{I}A]_{Sj}$ muito pouco se difere de $[X_{Ni}-\check{I}\check{T}\check{I}\check{E}\check{S}]_{Sj}$. Com esse segundo sufixo, foram encontradas 34 realizações, tendo 22 correspondências com os exemplos em (2), referentes ao padrão o padrão $[X_{Ni}-\check{I}\check{T}\check{I}A]_{Sj}$. Em (4), listam-se esses casos relacionados às formas duplas e, em (5), apresentam-se realizações vistas somente com $[X_{Ni}-\check{I}\check{T}\check{I}\check{E}\check{S}]_{Sj}$.

$$(4) \quad \check{a}m\check{a}r\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, \check{a}m\check{i}c\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, \check{a}v\check{a}r\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, c\check{a}n\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, d\check{u}r\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, i\check{m}m\check{u}n\check{d}\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, l\check{a}t\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, l\check{e}n\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, m\check{a}l\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, m\check{u}n\check{d}\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, n\check{e}q\check{u}\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, n\check{i}g\check{r}\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, n\check{o}t\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, p\check{i}g\check{r}\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, p\check{l}\check{a}n\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, p\check{u}\check{e}r\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, s\check{a}v\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, s\check{c}\check{a}b\check{r}\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, s\check{e}g\check{n}\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, s\check{o}r\check{d}\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, s\check{p}u\check{r}c\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s, t\check{r}\check{i}\check{s}\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s.$$

$$(5) \quad \begin{aligned} &almus \text{ ‘criador, maternal, bom, santo, venerável’} \rightarrow alm\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s \text{ ‘graça, beleza’;} \\ &calvus \text{ ‘calvo, sem cabelo’} \rightarrow calv\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s \text{ ‘calvície’} \\ &crassus \text{ ‘espesso, gordo’} \rightarrow crass\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s \text{ ‘espessura, gordura’} \\ &in- + balneum \rightarrow *imbalneus^{10} \text{ ‘que não toma banho’} \rightarrow imbaln\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s \text{ ‘sujidade, imundície’} \\ &lēnis \text{ ‘macio, suave, doce’} \rightarrow lēn\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s \text{ ‘doçura, maciez’} \\ &magnus \text{ ‘grande’} \rightarrow magn\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s \text{ ‘grandeza, magnitude’} \\ &navus \text{ ‘diligente, zeloso, cuidadoso’} \rightarrow nāv\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s \text{ ‘diligência, zelo, cuidado’} \\ &recalvus \text{ ‘calvo’} \rightarrow rēcalv\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s \text{ ‘calvície’} \\ &tardus \text{ ‘lento, indolente’} \rightarrow tard\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s \text{ ‘lentidão, indolência’} \\ &vānus \text{ ‘vazio, frívolo, fútil’} \rightarrow van\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s \text{ ‘futilidade, frivolidade, vaidade’} \\ &vastus \text{ ‘vasto, vazio’} \rightarrow vāst\check{i}\check{t}\check{i}\check{e}s \text{ ‘vastidão, perda’} \end{aligned}$$

9 Essa numeração em vermelho, que acompanha os esquemas propostos neste artigo, se refere a frequência *type* (BYBEE, 2016), ou seja, quantas vezes, um pareamento de forma-sentido foi acionado. Como a coleta dos dados do latim, foi feita em dicionários, apenas a mensuração desse tipo de frequência é possível. Não há, portanto, como se medir a quantidade de vezes que as instanciações se realizam na língua, o que ficaria a cargo da frequência *token*.

10 Não se documentou no dicionário consultado a forma **imbalneus*. Também não se encontrou *balnītīēs*, a partir da qual poderia se argumentar por uma forma prefixada. Parece haver, na base da palavra *imbalnītīēs*, um processo similar ao que acontece com *barba* (subst.) → *imbērbis* ‘desbarbado, sem barba’ (adj.). O adjetivo formado pelo esquema [in-S]A, com a base *balneum*, seria, então, o melhor candidato à base do esquema $[X_{Ni}-\check{I}\check{T}\check{I}\check{E}\check{S}]_{Sj}$.

Com base nos dados coletados, em que se percebe uma sistematicidade morfológica e semântica na relação entre *inputs* e *outputs*, há fortes indícios de que havia, no latim, um esquema como em (6).

$$(6) \quad <[[X_{Ni}]-\text{ĩtĩes}]_{Sj} \leftrightarrow [\text{QUALIDADE RELACIONADA A SEMX}_{Ni,j}]> \text{ (34)}$$

A única diferença visível entre os esquemas (3) e (6) tem a ver com o aspecto formal dos formativos sufixais que integram cada esquema. Não há divergências quanto à contraparte semântica e à explicitação dos *inputs* e *outputs* envolvidos. Em se tratando da história da língua latina, o que pode ter pesado em termos de diferença é um ponto anteriormente mencionado: a probabilidade de que houvesse uma maior disponibilidade para a entrada de palavras na primeira declinação, o que favorecia a produtividade de $[X_{Ni}-\text{ĩtĩa}]_{Sj}$, em detrimento de uma menor disponibilidade/produtividade de $[X_{Ni}-\text{ĩtĩes}]_{Sj}$.

Os desenvolvimentos de *-itia* e *-ities* no português arcaico

Nesta seção, serão apresentadas as formas portuguesas evoluídas das latinas *-itia* e *-ities*. Considerações advindas de trabalhos anteriores estão incluídas nessa abordagem, podendo haver ou não discordância com a análise proposta neste artigo. Optou-se por separar os desenvolvimentos em três grupos: (a) *-iça/-ícia*; (b) *-ice/-ície*; (c) *-ez/-eza*.

Os padrões $[X_{Ai}-iça]S$ e $[X_{Ai}-ícia]S$

Os sufixos *-iça* e *-ícia*, dentre os desenvolvimentos de *-ĩtĩa/-itia*, são, certamente, os menos produtivos. Na gramática histórica de Said Ali (1964, p. 233-234), esses sufixos são mencionados ligeiramente em uma seção intitulada “-EZ, -EZA, -ÍCIA, -ICE, -ÍCIE”. O autor comenta que o *-ícia*, presente em *malícia*, *notícia*, *perícia* e *polícia*, não goza de “facilidade de produzir novos substantivos no seio da língua portuguesa” (SAID ALI, 1964, p. 234, grifos do autor), ou seja, não apresenta produtividade na língua. Menciona ainda Said Ali que o sufixo “tomou a forma *-iça* em *justiça*, *cobiça*, *cortiça* e *preguiça* (SAID ALI, 1964, p. 234, grifos do autor), sem tecer maiores comentários sobre essa variante do sufixo. Na gramática histórica de Nunes (1969), não há qualquer menção sobre esses dois sufixos.

Caetano (2003), na sua tese sobre formação de palavras em gramáticas históricas, retoma as considerações de Othoniel Mota, que defendia que as formas com *-iça* e *-ícia* na língua moderna sejam resquícios do PA que os falantes conservam por questões estilísticas. Veja-se o excerto a seguir:

Othoniel Mota ([1916] 1937 : 69), autor que filia os sufixos nominiais *-eza*, *-iça* e *-ícia* ao “lat. *itia(m)*”, considerando que *-iça* é a forma “intermédia” e que *-ícia* “existiu no português arcaico (...) e o nosso povo ainda a conserva” (ex.: *avarícia*), empregando-a para substituir “o suffixo *ice* na linguagem culta” (ex.: *bobicia* por *bobice*) (CAETANO, 2003, p. 258, grifos da autora).

Acerca desse comentário de Othoniel Mota, sobre a existência de -ícia no PA, vale ressaltar que não se viu, na base de dados de Soledade (2001, 2005), qualquer palavra derivada com esse sufixo. Isso não quer dizer que ele não existisse. A forma *malícia* data do século XIII, segundo Houaiss e Villar (2009), mas esse vocábulo não faz parte da base de dados analisados neste artigo.

Com a variante -iça, nos mesmos dados de Soledade (2001, 2005), apareceram: *justiça* (< lat. *justiīta*), duas vezes na primeira fase e três vezes na segunda, e *lediça* (< lat. *laetiīta*), duas vezes, apenas na primeira fase. Mesmo que as duas formas tenham origem latina, vale mencionar que os lexemas¹¹ *justo* e *ledo*, que servem de *input* nessas formações, estavam em uso no período¹². Assim, pode-se supor que o falante do PA era capaz de abstrair um esquema como em (7):

$$(7) \quad \langle [[X_{Ai}]-i\check{c}a]_{Sj} \leftrightarrow [QUALIDADE RELACIONADA A SEMX_{Ai}; IMPRODUTIVO]_j \rangle (2)^{13}$$

O esquema em (7), embora possa ter sido abstraído pelo falante medieval, não foi usado para formar itens lexicais no período. Por isso, optou-se por inserir a informação IMPRODUTIVO no polo semântico/funcional do esquema, uma vez que, em se tratando do PA, e de períodos subsequentes, não houve criação relacionada a esse padrão construcional.

No intuito de melhor discutir a viabilidade do esquema em (7), sejam retomadas algumas as palavras mencionadas por Said Ali (1964). Dos exemplos do autor, além de *justiça*, coletada por Soledade (2001, 2005), estavam em uso no PA *cobiça* e *preguiça*, como sugere a datação fornecida por Houaiss e Villar (2009). Tais palavras têm também origem latina: *cobiça* vem do latim medieval *cūpīditīa*¹⁴, e *preguiça*, como exposto no Quadro 1, vem do latim *pigrītia*. Diferentemente das formas atestadas por Soledade (2001, 2005), os *inputs* dessas duas outras formações já não eram compreensíveis/transparentes no PA, sendo *cob-* e *preg-* interpretados como radicais presos/opacos.

11 A ideia de lexema que se usa neste trabalho é a mesma que se vê em trabalhos de Haspelmath (2002), Plag (2004) e Rodrigues (2016). Assim, define-se lexema como “uma unidade lexical abstrata, desprovida de variações cotextuais, como sejam as variações de gênero/número, tratando-se de nomes e de adjetivos, e de modo-tempo-aspeto e de número-pessoa, tratando-se de verbos” (RODRIGUES, 2016, p. 38). As variações ou realizações de um lexema são chamadas de *formas de palavras*. O conjunto que reúne todas as realizações possíveis de um lexema é chamado de *paradigma do lexema*.

12 Em consulta ao site Cantigas Medievais Galego-portuguesas (<https://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp>), da Universidade Nova de Lisboa, viu-se que todo o paradigma do lexema ‘ledo’ (*ledo, leda, ledos, ledas*) foi usado em cantigas galego-portuguesas. Não se viu realização de qual item relacionada ao paradigma do lexema ‘justo’ (*justo, justa, justos, justas*) nessa base de dados, mas, segundo Houaiss e Villar (2009), esse adjetivo está na língua portuguesa desde o século XIII.

13 Como já dito, essa numeração em vermelho nos esquemas se refere à frequência *type*. No caso dos dados do PA, trata-se da frequência nos dados de Soledade (2001, 2005). No caso de X_{Ai} -iça, (2) indica a quantidade de vezes que esse padrão foi ativado para instanciar construtos da língua. O fato de *justiça* ter tido cinco realizações, e *lediça*, duas, diz respeito à frequência *token*, que, embora mencionada ao longo do artigo, não será mencionada nas formulações de esquema aqui propostas, até para manter um paralelismo justo com os dados de língua latina.

14 Informação de Houaiss e Villar (2009). No dicionário de Niermeyer (1976), sobre o latim medieval, aparece a forma *cupidiosus*, cujo significado é *avarento*. A base de *cūpīditīa* e *cupidiosus* é o adjetivo *cupidus*, que significa ‘desejoso, cobiçoso, ávido’.

Essa visão sobre a opacidade das bases nas formas com *-iça* é compartilhada por Viaro (2020), que analisou sufixos que tinham fricativas coronais, no século XVI, com base em duas edições do dicionário português-latino de Jerônimo Cardoso, lexicógrafo e latinista português, autor do primeiro dicionário sobre a língua portuguesa. Entre os sufixos estudados por Viaro (2020), está *-iça*, ao lado da variante *-ícia*. Exemplos encontrados foram: *justiça* (< lat. *justitia*)¹⁵, *injustiça* (< lat. *injustitia*)¹⁶, *malícia* (< lat. *malitia*)¹⁷, *notícia* (< lat. *notitia*)¹⁸, *polícia* (< lat. *politia*)¹⁹ e *terícia* (< lat. *tard. icteritia*)²⁰. Sobre a questão da não transparência de radicais em algumas formações, o autor comenta:

Algumas outras palavras com a terminação *-iça* também têm radical opaco (**cupiditia* > *cobiça*, **corticea*: > *cortiça*, **pigritiam* > *priguiça*, ? > *lingoiça*, ? > *caliça*) ou parcialmente opaco: *horta* → hort(al)iça. Juntamente com *-iça* incluem-se as formas em *-iza*, de diversas origens: a terminação, portanto, não se configuraria um verdadeiro sufixo do ponto de vista diacrônico (ao lado do lat. *cupiditiam* > *cobiça* > *cobiça*, lat. *pigritiam* > *preguiça*, há lat. *corticea* > *cortiça*, lat. *Gallaecia* > *Galiza*, *cal* → *caliça*, *hortal* → esp. *hortaliza* > *hortaliça*, ? > *linguiça*, ? > *baliza*). Com exceção de *justiça* ≈ *justiça*, *injustiça*, *caliça* e *malícia*, essas formas têm radical opaco na sincronia pretérita em questão, uma vez que são cultismos (VIARO, 2020, p. 361, grifos do autor).

Os falantes do português contemporâneo certamente não identificam *preguiça* e *cobiça* como instanciações de um esquema *XAi-iça*. Indo mais além, pode-se sugerir que tratam essas palavras como não derivadas, formando, a partir delas, *cobiçoso* e *preguiçoso*, por exemplo. O caso de *lediça*, identificada por Soledade (2001), é ainda mais sensível, pois, além de essa palavra não ser mais usual na atualidade²¹, o *input* adjetival *ledo* só é realizado na expressão cristalizada *ledo engano*.

Dessa maneira, dentre as formas vistas, a única realização do esquema *XAi-iça* que o falante atual do português consegue identificar é *(in)justiça*, palavra que é bastante vista/ouvida, assim como a primitiva *(in)justo*. O *-iça* pode ser considerado, à luz das reflexões de Bauer (2001) e Gonçalves (2016a), como uma espécie de sufixo *hapax legomenon*²², “(*hapax* ‘uma só vez’, *legomenon* ‘dito’, ‘o que se diz’), expressão grega utilizada em referência a palavras das quais se conhece uma única referência” (GONÇALVES, 2016a, p. 34, grifos do autor). Tendo em vista que, em relação, ao esquema *XAi-iça*, a única instanciação reconhecida é *(in)justiça*, pode-se dizer seguramente que, desde o PA, já tinha esse estatuto de improdutivo, o que dá mais segurança teórica para a etiqueta IMPRODUTIVO, proposta na representação esquemática referente. Essa mesma etiqueta serviria a um possível esquema *XAi-ícia*, que se preferiu não representar, por não fazer parte da base de dados analisados.

15 Informação de Houaiss e Villar (2009).

16 Informação de Houaiss e Villar (2009).

17 Informação de Houaiss e Villar (2009).

18 Informação de Houaiss e Villar (2009).

19 Informação de Houaiss e Villar (2009).

20 Informação de Houaiss e Villar (2009).

21 O dicionário de Houaiss e Villar (2009) registra a forma *ledice*, datada do século XIII, com o mesmo significado. Essa forma também não tem uso frequente na língua contemporânea.

22 Alguns exemplos de *hapax legomenon* sufixais mencionados por Gonçalves (2016a) são *-ebre*, de *casebre*, *-oila*, de *moçoila*, *-anzil*, de *corpanzil*, *-aréu*, de *fogaréu*.

Os padrões $[X_i-\acute{i}cie]_s$ e $[X_i-ice]_s$

Um pouco mais reconhecido que o *-iça* é o sufixo *-ice*. Sobre *-ice* e a variante *-ície*, Said Ali (1964) comenta:

O sufixo *-ice*, se fizermos abstração do seu papel em *ledice*, *velhice*, *meiguice* e poucos exemplos mais, revela em geral forte afinidade eletiva por adjetivos que exprimem vícios ou defeitos pessoais, produzindo substantivos denotadores de atos que aberram do procedimento de pessoas sérias ou sensatas: *malandrice*, *sandice*, *tolice*, *parvoíce*, *gatunice*, *bebedice*, *patetice*, *perrice*, *doudice*, *rabugice*, *fanfarrice*. [...] A terminação *-ície*, modelada sobre o latim, é própria do português moderno: *calvície*, *canície*, *superfície* [...], *imundície*, etc (SAID ALI, 1964, p. 234, grifos do autor).

Sobre esse excerto de Said Ali (1964), merece atenção o comentário sobre a variante *-ície*. De fato, todos os exemplos têm origem latina: *imundície* (< lat. *immundit̄ies*; próximo de 1677)²³, *superfície* (< lat. *superficiēs*; 1572)²⁴, *canície* (< lat. *cānīt̄ia*; 1629)²⁵ e *calvície* (< lat. *calvīt̄ies*; século XVIII)²⁶. Veja-se que a forma *superfície* não está historicamente ligada ao sufixo *-ície*, como os outros dados. A abordagem do autor parece se tratar de um equívoco, em razão da coincidência fônica da terminação desse vocábulo.

Quanto ao sufixo *-ice*, as observações de Said Ali (1964) parecem acertadas, pois esse formativo realmente tende a se integrar a adjetivos geralmente pejorativos, para criar designações de qualidades ou comportamentos igualmente pejorativos. Além disso, cabe destacar que, dos exemplos mencionados pelo autor, apenas *ledice*, variante da já comentada *lediça*, é herança latina. Todos os outros são criações do português, segundo Houaiss e Villar (2009). Dessas criações, *parvoíce*, *velhice*, *meiguice*, *sandice*, *bebedice* e *doudice* têm a primeira atestação dentro do arco temporal do PA. O fato de haver pouca forma herdada do latim e muitas criações do período arcaico e de períodos subsequentes aponta que, diferentemente do *-iça*, o *-ice* gozou e, ainda goza, de produtividade no português.

Nunes (1969), em relação ao *-ice*, não traz informações diferentes sobre origem, nada fala sobre o seu funcionamento, apenas citando palavras, como *pequice*, *arteirice*, *garotice*, *gulodice*, *burrice*, *esquisitice*, *criancice* e *meninice*. Dos exemplos mencionados por esse autor, todos são criações do português, e *pequice* (← *peco*), *arteirice* (← *arteiro*), *gulodice*²⁷ (← *gulosos*) e *meninice*

23 Informação de Houaiss e Villar (2009).

24 Informação de Houaiss e Villar (2009).

25 Informação de Houaiss e Villar (2009).

26 Informação de Corominas e Pascual (1980). Nesse dicionário, sugere-se a existência de *calveza* no espanhol medieval. Essa forma, mais tarde, no século XVIII, foi substituída pelo cultismo *calvície*. Na primeira fase do PA, Soledade (2001) registra *calvareça*, com o significado de *calvície*. Na história do português, essa forma foi substituída, mais tarde, no século XIX, segundo Cunha (2007), pela forma culta *calvície*. Houaiss e Villar (2009) sugerem que a forma *calvície* date do século XV, porém, diante das evidências e dos comentários de filólogos e etimólogos, é bem provável que se trate de uma inconsistência.

27 Houaiss e Villar (2009) apontam a existência de uma variante menos conhecida, *gulosice*, para a qual atribui a mesma datação: século XV. Cunha (2007) sugere que *gulodice*, data do século XVI, seja uma alteração de *gulosice*, datada do século XV. Do ponto de vista formal, parece mais razoável que a forma primeira tenha sido *gulosice*, em que a base *gulosos* é mais transparente. Por dissimilação, talvez pelo fato de haver duas fricativas alveolares em *gulosice*, alterou-se em *gulodice*.

(← *menino*), segundo Houaiss e Villar (2009), são atestadas pela primeira vez em meio ao PA. Importa também mencionar, sobre o sufixo *-ice*, que Câmara Jr. (1976, p. 222) chama de variante semierudita, em contraponto à francamente erudita *-ície* e os desenvolvimentos vulgares *-ez/-eza*.

Nos dicionários de Jerônimo Cardoso (século XVI), Viaro (2020) não encontra formas com *-ície*, mas atesta várias formas em *-ice*, como: *bebedice*, *cachopice*, *chocarrice*, *doudice*, *garredice*, *golodice*, *ladroíce*, *meiguice*, *parvoíce*, *pequice*, *sandice*, *tolice*, *tredurice* e *velhice*. Sobre essas realizações, o autor comenta:

As formas acima mostram também a sensibilidade da vogal da base que se torna pretônica na palavra derivada: no corpus não há **bêbedo*, mas *bêbado*, além disso há movimentos de alçamento (*tredor* → *tredurice*) e de rebaixamento vocálico (*garrido* → *garredice*, cf. a transformação *minino* > *menino*). Muitas das formas primitivas têm um sufixo também, que se perde ao anexar-se *-ice*, cf. *chocarr(eiro)* → *chocarrice*, *golo(so)* → *golodice*, *sand(eu)* → *sandice*, que promove problemas etimológicos de reconstruções de radicais como **chocarr-*, **golod-*, **sand-*. Essas formas revelam que *-ice* era um sufixo bastante produtivo na época, uma vez que todas as formas derivadas têm documentadas as suas bases: *meigo* → *meiguice*, *peco* → *pequice*, *tolo* → *tolice* etc (VIARO, 2020, p. 360, grifos do autor).

Nos dados Soledade (2001, 2005), que são usados para a (re)análise deste artigo, encontram-se oito palavras formadas com o sufixo *-ice*: (a) *meninice*, uma vez, na primeira fase; (b) *velhice* ~ *vellice* ~ *uellhice* ~ *uelhece* ~ *velhece*, seis vezes na primeira fase e uma vez na segunda; (c) *sandeece*~*sandice*, seis vezes na primeira fase e uma vez na segunda; (d) *cauardice* ~ *covardices*, uma vez na primeira, outra na segunda; (e) *ligeirice* ~ *ligeiriçee* ~ *ligeirices*, uma vez na primeira fase, duas vezes na segunda; (f) *arteyrice*, uma vez na primeira; (g) *beuedice*, uma vez na primeira fase; (h) *enteyrice*, uma vez na primeira. Todas essas palavras são criações do PA, e os *inputs* dessas formações, *menino*, *velho*, *sandeu* (por meio do radical *sand-*), *covarde*, *ligeiro*, *arteiro*, *bêbedo* e *inteiro*, estavam em uso no PA, o que faz sugerir que os falantes conseguiam não só depreender um esquema, como também aplicá-lo para gerar novas palavras.

Os exemplos de Soledade (2001, 2005) corroboram a avaliação de Said Ali (1964) de que o sufixo *-ice* aparece em formações que ressaltam um caráter pejorativo ou negativo²⁸: *meninice* resalta a inexperiência; *velhice*, as mazelas desse período da vida; *sandice* é a qualidade de quem é sandeu, que é dado a dizer coisas tolas; *covardice* resalta a falta de coragem; *ligeirice* pode denunciar um desconforto com o apressar das coisas; *arteyrice* pode indicar esperteza, malícia ou propensão à trapaça; *beuedice* indica tanto o estado da pessoa bêbada quanto a ação da bebedeira, socialmente malvista; e *ynteirice*, embora seja dada como sinônimo de integridade ou inteireza, pode aludir a uma sátira de uma dada concepção de integridade moral. Note-se que o caráter pejorativo dessas instanciações tanto pode ser herdado das bases, casos de *sandice*,

28 Os dados coletados por Viaro (2020) também corroboram a análise de Said Ali.

velhice, *covardice*, *arteyrice* e *beuedice* como pode ser herdado do esquema construcional, casos de *meninice*, *ligeirice* e *ynteirice*, que têm bases não pejorativas.

Do ponto de vista formal, nota-se que a categoria dos *inputs* nessas formações varia. Em *velhice*, *ligeiriçee*, *covardice*, *arteyrice* e *ynteirice*, são adjetivos. Em *meninice*, é um substantivo. Em *beuedice*, é o particípio passado do verbo *beber*. Em *sandice*, é o radical *sand-* (de *sandeu*). Diante desses fatos, opta-se, em (8), por omitir a categoria das bases no esquema, mesmo que se reconheça que o adjetivo é o *input* preferencial. Destaque-se, ainda, que o aspecto pragmático PEJORATIVO está representado no polo semântico.

$$(8) \quad <[[X_i]-ice]_{Sj} \leftrightarrow [QUALIDADE \text{ OU } ATITUDE \text{ RELACIONADA A } X_i; \text{ PEJORATIVO}]_j > (8)$$

Embora a representação em (8) se volte a dados do PA, criações lexicais de períodos subsequentes, como *malandrice*, *tolice*, *gatunice*, *patetice*, *rabugice*, *fanfarrice*, *garotice*, *burrice*, *esquisitice*, *criancice*, *caretice*, *gordice*, *bichice*, *viadice*, *canalhice*, *abelhudice*, *merdice*, *tagarelice*, *vesguice* e *vagabundice*, mostram que esse padrão seguiu produtivo na língua, gerando muitas formas inovadoras. Esse aspecto distancia substancialmente o esquema (8) do (7), sobre o padrão com *-iça*.

Os padrões $[X_i-ez]_s$ e $[X_{Ai}-eza]_s$

Os sufixos *-ez* e *-eza* são as evoluções mais verdadeiramente vulgares de *-itia*, segundo Said Ali (1964), que explica:

[A] alteração em *-ez*, *-eza* denuncia serem estas as formas populares mais antigas do idioma. O primeiro destes sufixos, *-ez*, parece ter sido no começo menos produtivo que o segundo. Vocábulos há de forma dupla: *altiveza* e *altivez*, *rudeza* e *rudez*, *dobreza* e *dobrez*, *pequeneza* e *pequenez*, *ardideza* e *ardidez*, *interpideza* e *interpidez*, *escasseza* e *escassez*. Alguns termos em *-eza*, por efeito da concorrência de outras formações que significavam a mesma coisa, tornaram-se menos usados ou desapareceram de todo. *Igualdeza* [...], *favoreza* [...], *maleza* [...], *cruelzeza* [...], *liberalzeza* [...], *blandezza* [...], foram substituídos por *igualdade*, *favor*, *maldade*, *crueldade*, *liberalidade*, *brandura* (SAID ALI, 1964, p. 233-234, grifos do autor).

O comentário de Said Ali (1964) traz dois pontos relevantes sobre a trajetória desses sufixos. O primeiro diz respeito à menor produtividade de *-ez*, que, não raramente, se realizou em formas duplas correspondentes com *-eza*. O segundo é a larga produtividade de *-eza*, ao mesmo tempo em que muitas formas produzidas no idioma antigo (período do PA), com esse sufixo, foram substituídas ou deixaram de existir no curso da língua.

Nunes (1969), diferentemente de Said Ali (1964), apresenta apenas uma listagem de palavras formadas com os dois formativos, não entrando no mérito de produtividade na língua. Os exemplos mencionados por Nunes (1969) são:

cert-eza, prest-eza, lind-eza, franqu-eza, magr-eza, avar-eza, dur-eza, firm-eza, cru-eza, baix-eza, simpr-eza (arc.), *rud-eza, limp-eza, inteir-eza, redond-eza, madur-eza, gentil-eza, delicad-eza, pur-eza, bel-eza, nobr-eza, afoit-eza, bonit-eza*, etc.; *altiv-ez, honrad-ez, sisud-ez, mesquinh-ez, pacat-ez, pequen-ez*, etc (NUNES, 1969, p. 374-375, grifos do autor).

Viaro (2020), investigando o século XVI, encontra três formas em *-ez* nos dicionários de Jerônimo Cardoso: *gaguez, maninhez, prainez*. O autor entende que, por mais que sejam poucas as formas com *-ez*, o fato de as formas primitivas *gago, maninho* e *praino* terem sido listadas, faz supor que os falantes dessa época eram capazes de operar com tal sufixo e atribuir um sentido regular aos derivados.

Diferentemente, as formas em *-eza* abundam nos dicionários de Jerônimo Cardoso, sendo registrados como <eza>, <esa> ou, ainda, mais raramente, <essa>. São 54 os exemplos listados por Viaro (2020, p.357-359):

- (9) *afouteza, agudeza, alteza, aspereza, avareza, baixeza, beleza, braveza, bruteza, cainheza, certeza, clareza, crueza, delgadeza, delicadeza, dereiteza, destreza, dureza, escasseza, estreiteza, fineza, firmeza, fortaleza, franqueza, fraqueza, gentileza, grandeza, inteireza, largueza, ligeireza, lindeza, madureza, magreza, miudeza, natureza, nobreza, nueza, pobreza, presteza, proeza, pureza, raleza, redondeza, rijeza, riqueza, rudeza, simpreza, sotideza, surdeza, torpeza, tristeza, vileza e viveza.*

Sobre esses dados encontrados, Viaro (2020) comenta um importante aspecto a respeito da grafia dessas palavras. Tendo se deparado com a forma escrita <*pobressa*> na primeira edição do dicionário, o autor diz não poder afirmar categoricamente se tal registro “se trata de um erro gráfico (seria, de fato, o único caso em toda a obra com essa troca de grafemas) ou algum reflexo de pronúncia, o que tornaria a forma *-essa* < lat.*-*itiam* convergente com a forma *-essa*²⁹ [...]” (VIARO, 2020, p. 357, grifos do autor). Viaro (2020) também dá explicações sobre casos especiais, como *proeza* e *simpreza*:

O derivado *proeza*, de base opaca, mostra um trajeto diacrônico contrário, uma vez que é um empréstimo galorromânico em que se prevê uma consoante surda (cf. francês *prouesse*). Também a forma *simpreza* mostra um truncamento da base, uma vez que de **simplicitia* se esperaria **simprezeza* (VIARO, 2020, p. 357, grifos do autor).

Entre os dados de Soledade (2001, 2005), as formas com *-ez* são três, que ocorrem apenas na primeira fase do PA: *grããdez, meninez* e *sandez*. Todas são criações do PA, e as bases *grande, menino* e *sandeu* (pelo radical preso *sand-*) estavam em uso no período, o que confirma a ideia de Viaro (2020) de que, embora fossem poucos os usos, o processo de formação de

29 Também tratado nesse artigo de Viaro (2020), *-essa* é um sufixo cuja origem aponta para a rede semântico-etimológica do latim *-ensis*. Aparece em *abadessa, condessa, prioressa* e tem a forma divergente *-esa*, de *princesa, duquesa* e *marquesa*.

substantivos abstratos com *-ez* era produtivo, pois os falantes seriam capazes de detectar as bases e categorizar semanticamente os derivados.

Note-se que *meninez* e *sandez* estavam em concorrência com *meninice* e *sandice*, mencionadas anteriormente, e ao que parece, na competição entre as formas, as sufixadas em *-ice* saíram vitoriosas. Sobre *grããdez*, interessa observar que o registro com a vogal nasal geminada <ã> é um dos casos de escrita pseudoetimológica, que muito se vê em textos do período arcaico, como observa Mattos e Silva (2006). O adjetivo *grande* se origina do latim *grandis*, não havendo justificativa histórica para a vogal duplicada. Sobre o indício de desuso do *-ez*, já na segunda fase do PA, Soledade (2005) sugere que isso possa ter decorrido “da homofonia com o sufixo gentílico *-ês*³⁰, que não ocorre na primeira fase, enquanto que na segunda fase aparece em seis ocorrências” (SOLEDADE, 2005, p. 239, grifos da autora).

Com base nos dados de Soledade (2005), e nos dados e comentários de Viaro (2020), propõe-se que tenha havido, no PA, um esquema como em (10), a seguir, que destaca a pouca produtividade desse esquema no período:

$$(10) \quad <[[X_i]-ez]_{Sj} \leftrightarrow [\text{QUALIDADE RELACIONADA A SEMX}_i; \text{POUCO PRODUTIVO}]_j > \quad (3)$$

Assim como no padrão X_i -*ice*, esquematizado em (8), optou-se, na representação em (10), omitir a categoria do *input*, considerando que duas das três realizações X_i -*ez*, *meninez* e *sandez*, que têm correspondência nas instanciações X_i -*ice*, são de categorias diferentes: um substantivo (*menino*) e um radical preso (*sand-*, que remete ao adjetivo *sandeu*). A realização *grããdez* parte de *grande*, um adjetivo, que é a categoria preferencial para os *inputs* desse esquema. Isso pode ser constatado com a análise de outras palavras associadas a esse padrão construcional, como *acidez*, *altivez*, *rigidez*, *sensatez*, *estupidez*, *polidez*, *nitidez* e *robustez*, que entraram em diferentes períodos da língua.

Quanto às formas com *-eza*, Soledade (2001, 2005) encontra realizações de 46 vocábulos diferentes. Em (11), essas palavras são apresentadas seguidas de informações sobre a quantidade de vezes que aparecem na primeira e na segunda fase do PA:

30 Forma que se desenvolve do latim *-ensis*. Nos dados de Soledade (2005), registram-se: *franceses*, *genoeses*, *ingreses* (duas vezes) e *portugues* (duas vezes).

- (11) *agudeza* (1, 0), *alteza* (3, 4), *anchezas* (1, 0), *ardideza* (1, 0), *aspereza* (1, 0), *avareza~auareza* (2, 1), *bayxeza* (1,1), *blandeza* (1, 0), *braveza* (2, 2), *calvareça* (1, 0), *careza* (2, 0), *chãeza* (1, 0), *clareza* (0, 1), *crueza* (3, 1), *desygualleza* (0, 1), *dureza* (2, 1), *escasseza* (1, 0), *estreitezaz* (0,1), *firmeza* (1, 2), *fortaleza ~ forteliza* (3, 3), *franqueza* (2, 1), *fraqueza* (2, 1), *gentileza* (0, 1), *graandeza ~ grãandeza ~ grandeza* (1, 2), *graveza* (0, 1), *igualdeza* (1,0), *incerteza* (0,1), *largueza* (1, 1), *limpeza* (1, 1), *madureza* (1, 0), *natureza* (1, 0), *natureza* (2, 2), *nobreza* (3, 4), *probeça~~proveza~pobreza* (4, 2), *proeza* (0, 1), *profundeza* (1, 0), *pureza* (1,0), *redondeza* (1,1), *requeza ~ rriqueza ~ riqueza* (4,3), *simpleza* (1,0), *soteleza~sotileza* (3,1), *stranheza* (1,0), *treteza~tristeza* (3,3), *vileza* (1,0), *viveza* (0,1) e *yrteza* (1,0).

Das realizações em (6), apenas cinco palavras não são criações do português. São elas: *dureza* (< lat. *duritia*), *alteza* (< lat. tard. *altitia*), *tristeza* (< lat. *tristitia*), *fortaleza* (< fr. ant. *fortalece*, a partir do lat. *fortis*) e *proeza* (< fr. ant. *proece*; hoje, *prouesse* ‘destreza’). Mesmo assim, pode-se dizer que, pelo fato de *duro*, *alto*, *triste* e *forte* terem sido usadas como formas livres no PA, *dureza*, *alteza*, *tristeza* e *fortaleza* são associáveis ao padrão derivacional XAi-eza, bastante ativo no período. O único caso em que a base é totalmente opaca no português é *proeza*, pois não se documentam formas livres relacionadas com um possível *input* **pro*. A forma *proeza* advém do francês antigo *proece*, registrando-se atualmente como *prouesse* nessa língua. Derivou-se do adjetivo francês *preux* ‘valente’, e significava ‘valentia, bravura’, o que era condizente com um padrão semântico de QUALIDADE RELACIONADA A SEMXAI. Por conta de processos metafóricos e metonímicos e usos estilísticos/humorísticos do item, chegou-se ao significado irônico de ‘façanha, aventura’, que está em voga tanto no francês *proece~prouesse*, quanto no português *proeza*.

Outro caso especial, do ponto de vista do *input*, é *natureza*, cuja base, segundo Houaiss e Villar (2009), é *natura*, um substantivo primitivo, de origem latina, que significa, em tese, a mesma coisa que o derivado. Essa palavra tem um significado já lexicalizado, que, assim como com *proeza*, foge à informação prevista pelo esquema. Cabe mencionar que, no PA, há a realização *natureza*, que é transparente em relação ao *input natural*, um adjetivo, e tem o significado mais ligado a ideia de *naturalidade*, a qualidade daquilo que é natural, o que faz com que *natureza* seja facilmente vinculado ao esquema X_{Ai} -eza.

Por fim, ainda na perspectiva dos casos especiais do *input*, note-se a realização *simpleza*, que toma como base o adjetivo *simples*. Em relação a essa formação, não se sabe exatamente se foi tomado como base o radical preso e não opaco *simpl-* ou o adjetivo *simples*, tendo havido, uma haplogogia de **simpleseza*. Fora esses casos mencionados, que apresentam comportamentos bastante particulares, não há razões para, em um esquema, como em (12), omitir a categoria do *input*.

$$(12) \quad <[[X_{Ai}]-eza]_{Sj} \leftrightarrow [QUALIDADE RELACIONADA A SEMX_{Ai}; MUITO PRODUTIVO]_{j}> \quad (46)$$

Ainda sobre os dados de Soledade (2001, 2005), merecem comentários algumas realizações especiais. Por exemplo, *anchezas*, extraída do documento *Orto do Esposo*, significa ‘largura, grandeza, amplitude’ e tem como base o lexema adjetival arcaico *ancho* (< lat. *amplus*), que, no documento, é usado em todas as formas possíveis. A forma *blandezza*, que significa ‘brandura’, foi vista também no *Orto* e tem como base o lexema adjetivo arcaico *blando* (< lat. *blandus*), que, por rotacismo, se transformou em *brando*, em uso na língua contemporânea. Do mesmo documento, merece destaque *chãeza*, que significa ‘planura, planeza’, tendo como base o lexema adjetivo arcaico *chãão* (< lat. *plānus*), que se vê em variados usos no supracitado texto: *chãão, chãã, chããos, chããs, chããmête*.

Em *grããdeza*, assim como no já comentado *grããdez*, verifica-se uma escrita pseudoetimológica, tendência que se nota também em *desygualleza*, pois o adjetivo *igual*, o primevo dessa formação, vem do latim *aequalis*, que não tem a consoante <l> geminada. Do mesmo adjetivo *igual*, forma-se *igualdeza*, em que o /d/, antes do sufixo *-eza*, se justifica provavelmente pela analogia à *igualdade*, que já estava em uso no PA.

O registro *forteliza*, variante de *fortaleza*, embora seja improdutivo, é rico para a documentação de um possível desenvolvimento medieval do sufixo *-itia*. Outra evolução típica do PA parece estar nos registros de *calvareça*³¹ ‘calvície’, extraída de uma cantiga de escárnio e maldizer, e *probeça*, obtida do texto *Foro Real*, de Afonso X, rei de Portugal. Sendo o *-eça* outra provável evolução do latim *-itia*, própria do PA, pode-se aventar, com base em Mattos e Silva (2006, p. 81), que a realização fonológica desse <ç> correspondesse à africada /ts/, que se assimilou em /s/32 e depois se sonorizou em /z/33. Não se sabe exatamente se todas as palavras em *-eza* no PA passaram pelo estágio fonológico /etsa/, mas a existência, ainda que ínfima, dessas realizações, podem contribuir para a compreensão da fonologia e da morfologia históricas do português.

Palavras finais

Este artigo procurou apresentar uma leitura construcional dos padrões sufixais latinos $X_{Ni}-\check{I}\check{T}\check{I}A$ e $X_{Ni}-\check{I}\check{T}\check{I}\check{E}S$ e os seus desenvolvimentos no português arcaico, $X_{Ai}-eza$, X_i-ez , X_i-ice e $X_{Ai}-i\check{c}a$. No latim, o $X_{Ni}-\check{I}\check{T}\check{I}A$ aparece com maior frequência que $X_{Ni}-\check{I}\check{T}\check{I}\check{E}S$, tendo o primeiro sido,

31 O adjetivo *calvo* (< do lat. *calvus*) já estava em uso no PA. Embora não se disponha de uma explicação exata sobre o *-ar-* em *calvareça*, parece haver, nesse caso, a realização do mesmo segmento que aparece em palavras, como *milharal* (← *milho*) e *linguarudo* (← *língua*).

32 Esse fato talvez justifique a grafia *-essa* encontrada por Viaro (2020) em uma das edições dos dicionários de Jerônimo Cardoso.

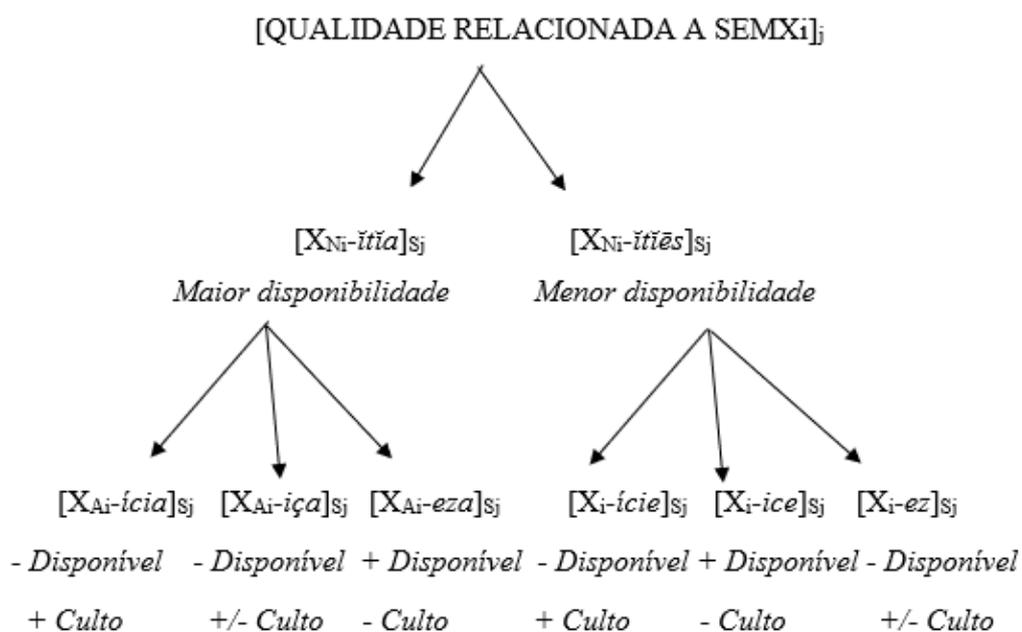
33 No espanhol, desde os tempos antigos, o correspondente homógrafo *-eza* tem pronúncia com a consoante surda /s/.

ao que tudo indica, mais disponível que o segundo. Essa maior disponibilidade parece estar relacionada a uma questão de ordem classificatória: o padrão XNi-*ĩtia* formava substantivos abstratos de primeira declinação (mais produtiva), enquanto o XNi-*ĩtiēs* formava substantivos de quinta declinação (menos produtiva).

Em relação às formas desenvolvidas no período arcaico, notou-se que elas estavam em concorrência/variação. Em termos semânticos, as diferenças entre padrões X_{Ai} -*eza*, X_i -*ez*, X_i -*ice* e X_{Ai} -*iça* são pouco impactantes, pois todos têm o mesmo significado de ‘QUALIDADE RELACIONADA A SEMXi’. Apenas o desenvolvimento X_i -*ice* apresenta um comportamento pragmático diferenciado, pois está associado recorrentemente a formações de caráter pejorativo. O que, de fato, parece distinguir os sufixos portugueses são as dimensões morfológicas e sócio-históricas. Do ponto de vista sócio-histórico, pesa o fato de os sufixos que integram os esquemas serem desenvolvimentos cultos ou não cultos. Do ponto de vista morfológico, pesa o fato de os sufixos serem mais ou menos disponíveis para inovações na língua. Os dois pontos de vista costumam se alinhar, e as formas ditas mais cultas tendem a ser menos disponíveis para novas formações, na mesma medida em que as menos cultas (mais populares) são mais propensas a criações.

Essa categorização funciona com os desenvolvimentos de XNi-*ĩtia*. Entre X_{Ai} -*ícia*, X_{Ai} -*iça* e X_{Ai} -*eza*, X_{Ai} -*ícia* é o mais culto e menos disponível; X_{Ai} -*iça* é semiculto e pouco disponível (com algumas instanciações transparentes); X_{Ai} -*eza* é a forma popular e mais disponível para novas formações. Esse alinhamento, porém, não foi aplicável aos desenvolvimentos de XNi-*ĩtiēs*, pois a forma intermediária semiculta X_i -*icie* se mostra mais disponível que a forma popular X_i -*ez*. A seguir, em (13), apresenta-se um esquema-resumo dos padrões aqui estudados.

(13)



Note-se que, em (13), o polo semântico [QUALIDADE RELACIONADA] é compartilhado por todos os esquemas, e as diferenças entre eles se dão por questões morfológicas e históricas já mencionadas ao longo deste artigo.

REFERÊNCIAS

- BAUER, L. *Introducing to Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.
- BAUER, L. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In GISBORNE, N.; HIPPISEY, A. (ed). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 18-39.
- BOOIJ, G. The role of schemas in Construction Morphology. *Word Structure*, 12 (3), p. 385-395, 2020.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez Editora, 2016.
- CAETANO, M. C. *A formação de palavras em gramáticas históricas do português*. Análise de algumas correlações sufixais. Dissertação de Doutorado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- COROMINAS, J.; PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 6 vol., 1980.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Nouvelle édition revue et augmentée, dite Gaffiot 2016. Paris: Hachette, 2016.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, C. A. V. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016a.
- GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016b.

GONÇALVES, C. A. V; ALMEIDA, M. L. L. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*. São Paulo, 58 (1), p. 165-193, 2014.

HASPELMATH, M. *Understanding morphology*. London: Arnold, 2002.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOPES, M. dos S. *A prefixação na primeira fase do português arcaico: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV*. 2013. 943f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras Vernáculas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. 2 tomos.

LOPES, M. dos S. *Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego-português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos*. 5 v. 2430 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura; Doutoramento em Linguística do Português) – Instituto de Letras/Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia/Universidade de Coimbra, Salvador/Coimbra, 2018.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico, uma aproximação: léxico e morfologia*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAURER JR., T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

NIERMEYER, J. F. *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*. Leiden: E.J. Brill, 1976.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1969

PLAG, I. Syntactic category information and the semantics of derivational morphological rules. *Folia Linguistica*, n 38, p. 193-225, 2004.

RODRIGUES, A. S. Noções basilares sobre a morfologia e o léxico. In: Rio-Torto, G. M. (Coord.). *Gramática derivacional do português*. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, p. 35-133.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de lingu@agem*, Uberlândia, v. 11, p. 468-501, 2017.

SIMÕES NETO, N. A. O padrão [[X]N de Taubaté]N no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 265-290, 2019.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 655 f. p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras Vernáculas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. 2 tomos.

SIMÕES NETO, N. A. Do latim X-entus ao português X-ento: uma leitura morfossemântica orientada pela Morfologia Construcional. *Revista do GELNE*, Natal, v. 22, n. 2, p. 336-351, 2020a.

SIMÕES NETO, N. A. Do latim X-utus ao português X-udo: considerações sobre a trajetória de um esquema morfológico adjetival. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 84-103, 2020b.

SIMÕES NETO, N. A. *O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional*. 2020c. 5 v. 4297 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Um enfoque da Morfologia Construcional sobre as formações X-ário no português arcaico. *Pontos de interrogação*, Alagoinhas, v. 4, n. 2, p. 143-171, 2015.

SOLEDADE, J. A morfologia histórica e a morfologia construcional: encontros e desencontros. IN: SANTOS, E. S.; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. (Orgs.). *Dez leituras sobre o léxico*. Salvador: EDUNEB, 2019, p. 172-202.

SOLEDADE, J. A. *Aspectos morfolexicais do português arcaico: sufixação nos séculos XIII e XIV*. 2 v. 400 p. Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

SOLEDADE, J. A De pecadores a sabedores: agentes de *-dor* no Livro das Aves. In: ALMEIDA, A. A. D.; LOPES, M. dos S. (Org.). *Livro do Livro das Aves: estudos semânticos e morfológicos*. Salvador: EDUFBA, 2020a. [no prelo].

SOLEDADE, J. A Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações $[[X-ÉIR]N]$ no português arcaico. *Diadorim*, Rio de Janeiro, p. 83-111, 2013.

SOLEDADE, J. A Por uma abordagem cognitiva da morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (Orgs.). *Linguística Cognitiva: redes do conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 345-378.

SOLEDADE, J. A *Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. 2005. 575 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Letras de Vernáculos, em Letras, Universidade Federal da Bahia, 2005. 2 t.

SOLEDADE, J. A Esquemas construcionais no português arcaico: um estudo sobre X-ada1, X-ada2, X-ado, X-do, X-da. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 41-56, 2020b.

TARALLO, F. *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TAVARES DA SILVA, J. C. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo boojiano em terras brasílicas. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8., n. 2., 2019, p. 109-135.

VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos, 1968.

VIARO, M. E. *A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica*. 2011. 220 f. Tese de Livre-docência para o Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, área de Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo.

VIARO, M. E. A morfologia histórica e os estudos etimológicos da língua portuguesa. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. especial, p. 39-64, 2013.

VIARO, M. E. Sufixos com fricativas coronais na língua portuguesa da segunda metade do século XVI. *Revista do GELNE*, Natal, v. 22, n. 2, p. 352-366, 2020.

VIARO, M. E.; FERREIRA, M.; GUIMARÃES FILHO, Z. O. Derivação ou terminação: limites para a semântica, lexicologia e morfologia históricas. In: VIARO, M. E. (Org.). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 58-105.

WHITE, J. T. *Latin Suffixes*. London: Longmans, Green & Co, 1858.